



A PRÁTICA DIALÓGICA E MULTIMODAL NA RESSIGNIFICAÇÃO DA AULA DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS COM A COLETÂNEA PPALFA FREIRE UNEB

Sar Andressa Bezerra Dourado¹; Àlex Diego Santos Durães²; Daniela Lopes Oliveira Dourado³.

¹Estudante de Pedagogia e Voluntária de Iniciação à Extensão do EDITAL N° 051/2025
Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos na Multicampia – PPALFA FREIRE UNEB

²Estudante de Pedagogia e Voluntário de Iniciação à Extensão do EDITAL N° 051/2025
Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos na Multicampia – PPALFA FREIRE UNEB

³Mestra em Educação de Jovens e Adultos (UNEB), Professora Orientadora - UNEB DCHT
Campus XVI, líder do grupo de Pesquisa Conjunturas de Pesquisas e Estudos em EJA
(CONPEEJA- UNEB).

**EIXO TEMÁTICO 4: EJA E DIREITOS HUMANOS E EJA EM CONTEXTOS DE
PRIVAÇÃO DE LIBERDADE**

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como uma modalidade de ensino com especificidades profundas, demandando abordagens pedagógicas que transcendam a simples transposição de modelos tradicionais. Seus educandos são sujeitos portadores de histórias de vida ricas, complexas e, frequentemente, marcadas por processos de exclusão social, violação de direitos e negação de sua cidadania. Nesse contexto, a sala de aula da EJA assume um potencial que vai além da instrução; ela se torna um espaço de acolhimento, de resgate da autoestima e de reconstrução de identidades. É um lócus privilegiado para a humanização, onde o ato de educar e de aprender adquirem contornos existenciais profundos. Contudo, a Metodologia do Trabalho Pedagógico, nesse cenário, não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas ou receitas aplicáveis de forma universal. Ela consiste, conforme demonstra a experiência aqui relatada, na organização intencional, reflexiva e crítica de toda a ação educativa. Esta organização deve considerar, de forma indissociável, o contexto sociocultural dos estudantes, suas subjetividades, seus saberes prévios e os objetivos de aprendizagem que visam não apenas à instrução, mas à formação integral do ser humano. Trata-se de uma práxis, no sentido freireano do termo, onde a ação e a reflexão se alimentam mutuamente. Entretanto, o presente relato tem como pano de fundo uma experiência pedagógica concretizada no âmbito do EDITAL N° 051/2025 - Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos na Multicampia da UNEB PPALFA FREIRE, o qual é promovido por meio do Projeto de Extensão “Tecendo caminhos de letramento: intervenção em alfabetização com jovens, adultos e idosos em situação de cuidado na Comunidade Terapêutica Gente Livre MAANAIN”, o lócus do trabalho é uma instituição não governamental voltada para a recuperação de homens em situação de dependência química. Este contexto particular – de vulnerabilidade extrema e de busca por ressignificação existencial – evidencia com ainda mais clareza a necessidade de uma



metodologia que seja sensível, dialógica e significativa. A aula de História, disciplina frequentemente apresentada como um amontoado de datas e fatos distantes, foi o palco escolhido para esta investigação prática. Deste modo, a fundamentação teórica que orientou esta prática ancora-se, primordialmente, no legado do educador Paulo Freire. Suas concepções sobre a educação como ato político, a dialogicidade como essência da relação educativa, a leitura crítica do mundo e a rejeição à "educação bancária" fornecem o substrato teórico para as escolhas metodológicas realizadas. A prática descrita busca materializar preceitos freireanos, demonstrando sua potência e atualidade em um contexto educacional desafiador. Todavia, este trabalho se propõe a expandir e detalhar os elementos constitutivos de uma prática pedagógica bem-sucedida na EJA, analisando seus pressupostos, sua operacionalização e seus desdobramentos, com o intuito de contribuir para as reflexões sobre o fazer docente em contextos similares.

O objetivo central deste relato é descrever, analisar e refletir sobre a implementação de uma metodologia de trabalho pedagógico fundamentada nos princípios da dialogicidade e dos multiletramentos em uma aula de História para a Educação de Jovens e Adultos, no contexto específico de uma comunidade terapêutica com exploração da Coletânea PPALFA Freire UNEB. De forma desdobrada, buscou-se: Contextualizar a Prática: Situar a experiência no marco do Projeto PPALFA FREIRE e da comunidade MAANAIM, explicitando as características dos educandos e as particularidades do ambiente educacional, justificando a necessidade de uma abordagem pedagógica diferenciada; Explicitar as Escolhas Metodológicas: Detalhar as três grandes opções pedagógicas que orientaram a aula – a descentralização curricular, a integração de multiletramentos e a adoção de uma postura dialógica –, conectando cada uma delas aos referenciais teóricos freireanos e às demandas do contexto; Demonstrar a Operacionalização: Narrar o desenvolvimento da aula sobre a Independência da Bahia, ilustrada com recursos multimodais (vídeo e música); Analisar os Resultados e Impactos: Discutir as evidências de aprendizagem e de resignificação percebidas durante e após a aula, com foco especial na fala espontânea de um educando como um potente indicador qualitativo de eficácia; Extrair Conclusões e Implicações: Sintetizar os aprendizados da experiência, formulando princípios norteadores para uma Metodologia do Trabalho Pedagógico na EJA que seja verdadeiramente contextualizada, intencional, dialógica e significativa, reafirmando o caráter humanizador e transformador da educação. Sobretudo, este estudo configura-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa, que descreve e analisa uma prática pedagógica específica, situada em um contexto real. A abordagem metodológica adotada é a da pesquisa-ação, uma vez que o educador-pesquisador não é um observador externo, mas um agente ativo e interveniente no processo, planejando, executando, refletindo e ajustando a ação em tempo real, com o propósito explícito de melhorar a prática e compreender o fenômeno educativo em sua complexidade. Por conseguinte, a experiência foi desenvolvida no âmbito do EDITAL Nº 051/2025 - Programa de Alfabetização na Multicampia da UNEB PPALFA FREIRE, por meio do projeto de Extensão “Tecendo caminhos de letramento: intervenção em alfabetização com jovens, adultos e idosos em situação de cuidado na Comunidade Terapêutica Gente Livre MAANAIM” que atua em parceria com a Comunidade Terapêutica Gente Livre MAANAIM, instituição dedicada ao acolhimento e recuperação de homens adultos em situação de dependência química, localizada na zona rural da cidade de Irecê, no interior da Bahia. Os educandos são, portanto, adultos com histórias de vida marcadas por profundas vulnerabilidades sociais, emocionais e, muitas vezes, pelo afastamento prolongado do ambiente formal de escolarização. A EJA, neste espaço não escolar, assume uma função terapêutica e social complementar, sendo um ambiente de



reconstrução de vínculos, de retomada de projetos de vida e de exercício da cidadania. Consequentemente, o planejamento da aula partiu do material didático da Coletânea do PPALFA FREIRE, o qual garante um alicerce pedagógico consistente e alinhado à perspectiva freireana. No entanto, a metodologia do trabalho pedagógico exigiu uma releitura criativa e contextualizada desse material base. O tema "Independência do Brasil" foi o ponto de partida, mas a abordagem foi radicalmente reorientada. As estratégias específicas implementadas foram: I- Descentralização Curricular: Optou-se por um deslocamento geopolítico e narrativo do eixo hegemônico Rio-São Paulo para o Nordeste, com foco na Independência da Bahia e no 2 de julho. O cerne da aula foi a valorização das heroínas negras e populares – Joana Angélica, Maria Filipa e Maria Quitéria –, figuras historicamente silenciadas nos currículos tradicionais. Esta escolha teve um propósito duplo: promover uma educação antirracista e de gênero, materializando a "leitura crítica do mundo" freireana, e oferecer narrativas de resistência e coragem com as quais os educandos poderiam potencialmente se identificar. II- Integração de Multiletramentos: Reconhecendo a diversidade de estilos de aprendizagem e a necessidade de tornar o conteúdo acessível e impactante, a aula foi construída com recursos multimodais. Foram selecionados: Recurso Audiovisual (Vídeo): Um vídeo que apresentasse de forma dinâmica a história e, crucialmente, a imagem das três heroínas. A visualização permitiu criar uma referência concreta, combatendo a abstração e personificando a luta; Recurso Sonoro (Música): O Hino ao 2 de julho foi incorporado não como um elemento decorativo, mas como um texto cultural e histórico a ser decodificado. Sua letra e melodia, carregadas de emotividade e simbolismo, foram utilizadas para trabalhar o contexto histórico de forma sensível e culturalmente significativa, conectando-se à identidade baiana; Postura Dialógica: A condução da aula foi pautada pelo diálogo, tal como concebido por Freire (1987). A exposição dos educadores deu lugar a um processo de construção coletiva do conhecimento. Perguntas abertas ("O que a coragem dessas mulheres nos diz hoje?", "Que lutas pela independência nós travamos em nossas vidas?") substituíram a transmissão unilateral de informações. A escuta ativa foi praticada, valorizando os conhecimentos prévios, as opiniões e as experiências de vida trazidas pelos educandos. Nesse processo, os educadores se reposicionaram como mediadores que, "enquanto educam, são educados também". No entanto, todo processo produziu conhecimentos e informações, que geraram análises baseadas predominantemente na observação participante do educador-pesquisador, registrada em um diário de campo. Este instrumento permitiu capturar as reações, intervenções, expressões corporais e os debates surgidos durante a aula e avaliação do planejamento de ensino. A fala espontânea de um educando, citada no resumo original, emergiu como um dado empírico de alto valor significativo, funcionando como uma avaliação processual e formativa por excelência, porém, a implementação da metodologia descrita revelou-se um processo vivo e dinâmico, cujos resultados extrapolaram amplamente a simples assimilação de informações históricas. A discussão dos achados permite analisar como a convergência entre as escolhas pedagógicas produziu um ambiente de aprendizagem profundamente significativo. Em primeiro lugar, a descentralização curricular mostrou-se uma estratégia potente de descolonização do saber. Ao trazer para o centro do debate as heroínas baianas, a aula operou uma ruptura com a narrativa eurocêntrica e patriarcal. Isso não foi apenas um acréscimo de "conteúdo diverso", mas uma reestruturação epistemológica. A figura de Maria Quitéria, por exemplo, ao se vestir de homem para lutar, e a de Maria Filipa, líder quilombola, apresentaram modelos de resistência que dialogavam diretamente com as lutas identitárias e pela dignidade humana vivenciadas, em outras dimensões, pelos educandos. A aula, assim, deixou de ser sobre um "outro" distante no tempo e no espaço



para falar de sujeitos cujas batalhas ecoavam, metaforicamente, as batalhas internas e sociais dos estudantes. Isto concretiza o que Freire chamava de "currículo vivo", aquele que emerge da realidade e nela incide, e ainda, a integração dos multiletramentos funcionou como um catalisador de compreensão. O recurso ao vídeo cumpriu a função crucial de materializar o abstrato. Ver os rostos (ainda que em representações) e os cenários daquela luta conferiu concretude a um evento que, nos livros, poderia parecer etéreo. A música, por sua vez, atuou em uma camada mais profunda, a emocional. O Hino ao 2 de julho, com sua melodia vigorosa e letra que exalta a bravura do povo, criou uma atmosfera carregada de sentimento. A música permitiu um acesso ao conteúdo histórico por uma via não puramente racional, mas também afetiva, o que é fundamental em um contexto como o da EJA, onde a dimensão emocional dos educandos é frequentemente negligenciada, mas central para o processo de (re)construção subjetiva. No entanto, foi a postura dialógica que articulou todos os elementos e conferiu significado profundo à experiência. A simples exibição do vídeo e a audição da música, sem mediação conversacional, teriam tido um impacto limitado. Foi no espaço do diálogo que os educandos puderam conectar as narrativas históricas às suas próprias trajetórias. O debate sobre "coragem" e "luta", proposto pelos educadores, não ficou restrito ao século XIX. Os estudantes, de forma espontânea, começaram a traçar paralelos entre a resistência das heroínas baianas e sua própria "guerra" diária contra a dependência química, pela "independência" de seus corpos e mentes, e pela reconstrução de suas vidas. Nesse momento, o conteúdo "Independência da Bahia" foi ressignificado. Deixou de ser um fato histórico para se tornar uma metáfora poderosa de superação e autonomia. Esta conexão íntima entre o conteúdo curricular e a realidade existencial dos educandos é a essência do que Freire (1996) define como a impossibilidade de separar o ensino dos conteúdos da "formação moral do educando". A aula não visava apenas informar, mas formar, no sentido mais amplo da palavra. A fala do educando de quase 50 anos – "essa foi a melhor aula que nós já teve" – é a mais pura evidência deste sucesso. Esta afirmação não é sobre entretenimento, mas sobre reconhecimento. Ela sinaliza que a aula fez sentido em sua integralidade, que tocou suas feridas e suas esperanças, que o validou como sujeito de saber e de história. Em um ambiente onde o fracasso e a descrença são frequentemente uma sombra, a experiência de uma aula "melhor" é um poderoso indicador de que a educação cumpriu seu papel humanizador. Logo, a avaliação, manifestou-se de forma processual e qualitativa. A participação ativa no debate, o brilho nos olhos durante a exibição do vídeo, a emoção perceptível durante o hino e, sobretudo, a fala espontânea citada, constituem-se em indicadores muito mais robustos de aprendizagem significativa do que qualquer prova formal poderia oferecer naquele contexto. Eles demonstram que os objetivos de engajamento, significação e reconhecimento do valor do momento de aprendizagem foram plenamente alcançados.

A experiência pedagógica relatada e analisada ao longo deste trabalho permite concluir, de forma robusta, que uma Metodologia do Trabalho Pedagógico bem-sucedida na Educação de Jovens e Adultos, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades, é aquela que se constrói sobre pilares interligados e intencionais. Conclui-se que a metodologia deve ser contextualizada. O uso do material didático base é importante, mas ele deve ser um ponto de partida, não um ponto de chegada. A sensibilidade do educador para ler o contexto específico – no caso, a comunidade terapêutica MAANAIM – e adaptar o currículo a ele é fundamental. A descentralização do eixo curricular, focando nas heroínas baianas, foi uma resposta direta a essa necessidade, promovendo justiça social e cognitiva. Ademais, a metodologia deve ser intencional. Cada recurso, cada atividade, deve ser escolhido com um propósito claro que



vá além do preenchimento de tempo. O uso de multiletramentos (vídeo e música) não foi aleatório; teve o objetivo explícito de ampliar as formas de acesso ao conhecimento, emocionar e criar pontes sensoriais e afetivas com o conteúdo, reconhecendo que o aprender é um ato integral que envolve razão e emoção. Por último, e talvez o pilar mais crucial, a metodologia deve ser dialógica. A postura do educador como facilitador e (co)aprendiz, que pergunta, escuta e valoriza os saberes da comunidade, é o que transforma informação em conhecimento e conhecimento em sabedoria de vida. Foi o diálogo que permitiu a ressignificação da Independência da Bahia em uma metáfora das lutas pessoais dos educandos, materializando o ideal freireano de que ninguém educa ninguém, mas os homens se educam em comunhão (Freire, 1987). O sucesso final de todo o processo é medido pela capacidade de conectar o conteúdo curricular à realidade, aos anseios e às lutas dos educandos. A aula deixou de ser um evento isolado no tempo para se tornar um marco na trajetória daqueles homens, um momento de insight e de fortalecimento de suas identidades em reconstrução. Assim, a experiência na EJA do Programa PPALFA FREIRE reafirma, portanto, o caráter intrinsecamente político e humanizador da educação. Ela demonstra que, quando a metodologia é pensada para os alunos, a educação cumpre seu papel transformador. Na esteira do legado de Paulo Freire, a "melhor aula" não é aquela que acumula o maior número de datas e fatos, mas aquela que consegue ecoar no coração e na mente de quem a vivencia, tornando-se um instrumento de libertação e de esperança. Esta prática serve como um farol para educadores da EJA, lembrando-nos de que nosso ofício vai muito além do instruir; é sobre o humanizar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Coletânea PPALFA Freire UNEB; Metodologia Dialógica; Multiletramentos; Ressignificação da Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.